



Gaiato

5 DE JANEIRO DE 1974

ANO XXX — N.º 778 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Trinta e quatro anos depois

...Nem a oportunidade da Obra da Rua deixou de ser, nem o seu espírito passou de moda. Lembrava-mo há pouco carta de Alguém que nos quer muito com todo o seu coração, mas nada menos com a sua inteligência.

«Mais um ano que acaba, mais um Natal que chega. Os anos vão passando, vamos todos ganhando experiência. E não vemos nem acabar a miséria, nem diminuir a maldade no mundo; até cada maldade parece nos atingir mais porque, através dos meios de comunicação, vamos participando do que se passa aqui e ali. E vemos que a nossa sociedade de consumo faliu nos seus propósitos. É chegada a altura de corrigir os defeitos e de emendar o que está errado. Oxalá 74 seja o ano da tomada de consciência para todos; e particularmente para os homens de amanhã.»

Os meus votos são para os seus rapazes, para todos os leitores de «O Gaiato». Para nós, menos novos, paciência, coragem e humildade.»

Não resisto a recebê-los e a endossá-los, já que a toda a Família da Obra da Rua eles são dirigidos, aos de dentro e aos de fora, aos jovens e aos «menos novos» — votos tão convenientes ao aniversário particular que celebramos como à Efeméride universal que acabámos de festejar.

● A oportunidade da Obra não deixou de ser. Na verdade, «memos acabar a miséria, nem diminuir a maldade», quase sempre causa das misérias que ferem a sociedade dos homens. Pode o nível de vida subir, perderem lugar entre as causas as de ordem económica... Enquanto o Homem não assumir a sua consciência, nem se emendam erros velhos como ele, nem se torna perceptível ao comum dos homens a Voz que nos chama à ultrapassagem do orgulho, do egoísmo, males congénitos que nos amesquinham e nos contrariam o voar nas alturas próprias da nossa vocação humana e divina. Nem Ciência, nem Técnica, nem nada... poderão obviar às misérias que ensanguentam a frente da Humanidade, se faltar aos homens: a paciência para se sofrerem uns aos outros; a coragem para se reconstituírem, para se revalorizarem, apesar do atrito desgastante que as relações humanas implicam; a humildade, que ajudará cada um a ser o que deve, tudo quanto é capaz de ser, no lugar que Deus lhe designou, certo de que «sem Ele nada é possível e com Ele nada é impossível».

A nossa sociedade de consumo, porque forma materialista de civilização, tem em si o germe da sua falência. Os seus propósitos decerto foram humanistas: a suficiência, o bem-estar dos homens. Mas, equivocando-se, tomou o valor de meio por valor de fim — e reduziu o homem a animal de engorda, o que é ultrajante para o homem.

A obrigação de progredir, de dominar a Terra, com todas as

Continua na QUARTA página



Areias do Cavaco

Quadros da nossa vida — São 18 horas, como dizem as pessoas civilizadas, do dia 5 de Dezembro. Somos 25 os que estamos reunidos na sala de convívio dos mais velhos. A esta mesma hora e todos os dias da semana temos encontro marcado. São os que estudam à noite no Ciclo Preparatório e na Escola Técnica. Dos 16 aos 20 anos. É um momento de reflexão em comum. Há momentos na vida para muitas coisas essenciais: momento para comer; para o trabalho; para o descanso; para o cinema; para o recreio e distração. Este, a esta hora e todos os dias, é momento para refletir. Rapazes com o sangue na guelra, cheios de vivacidade, de saúde, sentam-se para refletir em comum. Eu estou no meio deles, como um deles, como o irmão mais velho, refletindo com eles. Uma comunidade forte, saudável, consciente, personalizada, prepara-se no cadinho da reflexão e do estudo. É por isso que o momento das 6 horas da tarde é muito importante na nossa vida. E tomam a sério. E vivem estes minutos como decisivos na sua vida.

Geralmente o tema é dado por uma pequenina leitura da Palavra de Deus. Pois donde nos vêm as grandes certezas? Onde está a Luz que não engana e mostra o caminho seguro no peregrinar de cada um? Onde a força para os momentos fracos da vida? Onde a chave para a solução de problemas em cada passo da vida? Na Palavra de Deus. Quadro lindo este!

25 rapazes, de olhos bem abertos, ouvidos atentos, co

Cont. na QUARTA página

Cantinho da Família

«Indo Jesus ao longo do mar da Galileia, viu dois irmãos — Simão, que se chama Pedro, e André — lançando a rede no mar.

Disse-lhes: — Vinde coMigo e farei de vós pescadores de homens.

E eles, deixando logo as redes, seguiram-no.» (Mt 4/18-20)

Nunca passo por este trecho de S. Mateus que não me abisme na irreflexão deste Simão e deste André e dos seus companheiros no Colégio Apostólico. Poderemos dizer que eles não tinham muito que deixar: eram pescadores e pobres. Mas eram algo. Pouco, embora, possuíam redes e, ao menos, uma barca. Não era de alto nível o seu mister, mas ocupava-os uma tarefa objectiva e útil e compensadora. E eis que um Desconhecido surge e os chama e os desvia da sua vida de pescadores para uma outra pesca de cuja dignidade certamente não tiveram logo a consciência clara. E eles foram, sem nada saber nem perguntar da aventura em que se comprometiam.

Ora o Desconhecido não mostrara ainda as Suas credenciais divinas. Apontado, é certo, por João Baptista como o Cordeiro de Deus — do que André fora testemunha — Ele começava agora a Sua vida pública, o Seu ministério na Galileia. Vinha do deserto, onde Se sujeitara à tentação e a Sua primeira palavra não era lisonjeira para os homens: «Arrependei-vos porque está próximo o Reino dos Céus». Nenhum miágre. Nenhuma promessa de prémio. Palavras de ordem, apenas, carregadas de exigência, de mistério, incondicionais: «Arrependei-vos... Vinde...» E eles foram.

Se algum argumento denuncia no rosto de Jesus, o Cristo de Deus — não vejo outro maior, porque vivencial, porque provado por todos estes loucos até ao fim, até ao dar da vida.

O poder sedutor de Jesus — que era e que é! Ele é a chave de toda a adesão, de todo o compromisso perene. Se não for por Ele, o homem não passa «de cana agitada pelo vento»,

Continua na QUARTA página

PELAS CASAS DO GAIATO



José Adolfo e Matilde Rosa Delgado consorciaram-se em Lourenço Marques. Ele pertenceu à Comunidade de Paço de Sousa. Toma lá um abraço dos, tipógrafos!

Paço de Sousa

NATAL — Todos se preocupam com os presépios, os preparativos das rabanadas, filhoses, pinheiros de Natal, decoração nas paredes, etc. Enfim, todos se debruçam o melhor possível para que haja uma boa festa de Natal.

Aqueles que não se preocuparam muito com os preparativos, ao menos souberam saborear. Com boa ou má vontade, não sei. Isso é com cada um.

Desde a Consoada até à «Missa do galo» houve um ambiente natalício que significou o Nascimento de Jesus.

Como é habitual, as batatas com bacalhau e tronxada deram um grande «suspense».

Mal entrámos no refeitório, os pratos recheados sobressaíram logo aos nossos olhos.

Houve uma grande confraternização, tanto no refeitório dos miúdos como no dos maiores.

O que mais me impressionou foi o bonito pinheiro de Natal, todo

enfeitado de luzes no refeitório dos mais pequenos. As mesas cheias de velas, tornaram o ambiente mais feliz.

Como é costume, desde as 10,30 h. até à meia-noite («Missa do galo») preenchemos o tempo com uma peça teatral, «comperes», e variedades.

Na parte das variedades houve um grande lapso. Os instrumentos estavam muito altos e desafinados. Eu acho que os nossos leitores que já cá vieram, verificaram que os nossos instrumentos estão mesmo no fim. Se os leitores tiverem a bondade de nos enviar novos instrumentos ficamos muito gratos. E, assim, talvez as nossas variedades sejam melhores. O que a nossa malta de agora precisa é de um conjunto moderno.

Como estava a dizer, as duas horas de teatro, de riso e música contribuíram para o enriquecimento dessa grande noite.

Em seguida dirigimo-nos para a capela festejar as últimas horas de convívio.

O nosso grupo de Canto Coral actuou na santa Missa.

E, assim, o nosso amor se satisfaz de alegria e de paz durante estes dois belos dias.

OBRAS — Além das obras da garagem e da nova cozinha, aproveitou-se agora para se fazer mais minas para o nosso poço-novo, feito há meses. Talvez essas minas abasteçam melhor as nossas canalizações.

Enquanto uns prosseguem nas minas, outros procedem aos últimos retoques da nova garagem. Penso que esta semana ficará pronta.

A nova cozinha vai precisar de um grande trabalho, na parte de construção civil.

INVERNO — Começou o Inverno. As árvores todas nuas dão um aspecto muito triste à nossa Aldeia. Todos se agasalham da melhor maneira. As frieiras começam a aparecer. E — pior! — também temos que poupar o gás e o gasóleo para aquecimento...

FUTEBOL — Parece-me, e também à nossa Comunidade, que agora já não querem nada connosco! Pois quem estiver interessado, escreva-nos. E nós daremos a resposta. Se o nosso treinador autorizar!...

Para todos os nossos leitores um Ano Novo cheio de felicidades. E que o 1974 traga a todos uma vida melhor.

João Paulo Mendão

A Venda do Jornal no Norte do País

Tivemos uma venda formidável. E Natal! Vendemos, desta vez, 5.800 jornais. Esgotaram-se todos.

Quem vendeu mais, no Porto, foi o «Meno». Só na sexta-feira trouxe 1.090\$00! Quem teve mais acréscimos, no Porto, foi o Rui. E nas outras terras do Norte, o «Tirolino» — vendedor em Aveiro.

Os nossos amigos deram-nos carrinhos e bolo-rei. Que bom!

AVEIRO — Tem sido uma cidade muito amiga. O «Tirolino» passou 350 jornais e trouxe 1.150\$00.

AMARANTE — O «Grilo» tem sido um sorna, mas como agora é Natal entregaram-lhe 340\$00 de acréscimos.

VIANA DO CASTELO — O «Girassol» vendeu muito bem no Natal, mas nas outras vendas é preguiçoso.

BRAGA — O «Rouxinol» foi sempre bom vendedor e passou 200 jornais.

PÓVOA DE VARZIM — Aqui nem se fala! O «Salazar» vendia 350 jornais, mas o «Faneca» só 180. Ora bolas!

GUIMARÃES — O «Bolota» tem-se mexido nestas últimas vendas. Passou 120 jornais.

ESPINHO — Quem vai à nova cidade da beira-mar é o Celso e o Ganhão. Venderam 150 cada um. Temos, ali, muitos e muitos amigos! Não é preciso suar para cumprir. E na época de Natal já se sabe. É uma maravilha. Eles que o digam...

Meus amigos: por hoje é tudo. Adeus e até à próxima, se Deus quiser.

João Carlos Ventura

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

DONATIVOS — Os nossos leitores, graças a Deus, acompanham a nossa acção com um interesse extraordinário! Muito obrigado.

Temos, a abrir, 50\$00 de «uma Professora aposentada», da Beira Baixa. O dobro de Cacilhas «dando assim cumprimento ao pedido de minha falecida Mãe. Aproveito esta ocasião para pedir que este pequeno óbulo seja feito em sufrágio de sua Alma». Levou os nossos Pobres no coração!

A habitual presença da assinante 17022, de Portalegre. Um assinante do Rio de Janeiro destina para os nossos Pobres o remanescente da assinatura do seu jornal. Agora, surge a cristianíssima perseverança de «Uma Assinante do Seixal»: «Com toda a amizade, vão os 600\$00 habituais para os Irmãos da Conferência de Paço de Sousa». Outra presença amiga: assinante 17740. Mais um sufrágio: «Junto 120\$00, migalha a juntar a outras que o Senhor há-de fazer chegar às vossas mãos para as distribuírem pelos Pobres. Deste modo quero lembrar as almas dos meus entes queridos que já partiram para a Eternidade e que ainda precisam de sufrágios. Uma portuense qualquer».

«Do casal amigo — de Torres Novas — mais uma gotinha com muita amizade». É pão dos Pobres para os Pobres! De Mafra, uma oferta muito simpática. De Lisboa, 100\$00 «em acção de graças, para os nossos Pobres». Compreendemos o sublinhado e intenção. Tome lá um forte abraço! Cova da Piedade, um vale do correio. De algures: «Para o Natal dos nossos Pobres e pequena lembrança de uma grande amiga — Maria Emília». Que Deus a ajude — pela sua grande lembrança! Um vale do correio, já habitual, da rua Alexan-

dre Herculano — Lisboa. Mais uma «migalhinha» do Porto, assinante 11162. Mais 500\$00 duma portuguesa em S. Paulo, Brasil, por intermédio de um nosso velho amigo.

Os donativos registados até aqui deveriam sair na edição anterior.

Agora, mais presenças do Advento: Rua Gil Eanes, Porto, 100\$00. Metade de Oledo. Mais 100\$00 de «Uma velha amiga» de Lisboa. Ainda de Lisboa: os «aumentos que recebi do abono de família dos meus nove filhos». Porto com 200\$00, da Av. Antunes Guimarães. Metade da assinante 6790, Vilar Formoso, idem. Uma Vicentina de Alijó com 100\$00. O mesmo da J. A. C. da rua Presa Velha, Porto. Metade do assinante 10159. Mais Rochoso, Viana do Castelo, Av. República (Lisboa), Funchal, Mafra, Miramar, Alto Estoril, Pinheiro Grande (Chamusca), Carvalheira, assinante 17022 e 26398. De Coimbra, uma mão cheia duma Farmacêutica. Muitos oferentes lembram o Natal e Ano Novo; agradecemos e retribuimos. Outros — a maior parte — destinam seus donativos para amenizar ou resolver problemas de Pobres, focados neste cantinho. Mais 100\$00 anónimos, de Lisboa. Outra vez a capital, rua Marquês de Fronteira. Boa oferta de Mafra! Passa, agora, a Viúva do Porteiro; um abraço. «Avó antiga» — muito bem! Uma longa missiva do Porto, muito proveitosa espiritualmente. Mais 250\$00 do assinante 10458 E «uma gotinha» de «Zé Ninguém». E vários 5\$00 de de uma Doente, de Torres Vedras. E a Maria Rosa, de S. Mamede de Infesta. E a rua Capelo, Lisboa. E um anónimo de Cardigos. E 50\$00 da rua Santo Ildefonso, Porto. O dobro dum bom amigo, visitante. Outra bolada do Seixal. E mais uma da Av. E. U. América, Lisboa. E mais 100\$00 anónimos, do Porto. Idem de Maria Cardoso, Lisboa. Mais Foz do Douro, Aguiçeira (Viseu), Cascais e A. F. de Lisboa. Por fim, cheques da Praça de Damão, Lisboa;

e de um tripeiro meu condiscípulo da Escola Mousinho da Silveira. Baptista: a vossa presença e amizade enche-nos a alma!

Havia muitas cartas e citações a assinalar, a destacar. Paciência. Não podemos abusar do espaço.

Muito obrigado a todos — em nome dos nossos Pobres.

Júlio Mendes

CALVÁRIO

NATAL — Festejariamos bem o Natal? E os outros? Se não o vivemos como Ele quer, nem por isso o deixámos passar despercebido como tradição.

Houve uma preocupação: tornar a configuração do pequeno refeitório diferente. No salão, luzes que davam ao palco um tom curioso e que prenderam a atenção da Comunidade. Uns falavam; outros aqueciam-se, próximos da lareira aonde o nosso Padre Baptista avivava a chama. Ouvia-se música. E, como não podia deixar de ser, havia uma mesa coberta de iguarias. Não faltou o cafézinho. E até charutos! Seria só isto a nossa véspera de Natal? Não; não foi. A «Missa do galo» deu-nos o tom espiritual do Natal — inédito no meio — de uma participação de instrumentos. Para além de tudo, a homilia de Padre Baptista não foi para repetir que Cristo nasceu há milhares de anos. Mas para alertar os presentes que Jesus continua a nascer e a morrer todos os dias...

Meus amigos: Que este entender que Cristo veio ao mundo para nos dar a Vida esteja em nossos e vossos corações. Fique por todo o ano que agora começa — por todos os anos. Se nos esforcarmos mais em perceber e viver o Natal, haverá, de facto, «Paz na terra aos Homens de Boa Vontade».

Manuel Simões

ANO NOVO

Neste peregrinar que é a vida, encontramos muitos marcos onde podemos parar. Parar para olhar o passado e traçar o futuro. A passagem do Ano Velho para o Ano Novo poderá ser ocasião de fazermos uma dessas paragens.

Nos tempos que correm a diversidade de problemas, a variedade das forças a que cada um está sujeito, a violência da instabilidade, tudo nos leva a que nos percamos num emaranhado de circunstâncias e facilmente somos impossibilitados de ver o essencial, os valores profundos que nos permitem uma realização autêntica.

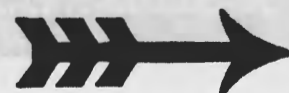
Por isso, é preciso parar e colocarmo-nos em verdade perante Deus, a fim de recebermos d'Ele a coragem e a força necessárias para abraçarmos o ano que começa. Abraço cheio de humildade porque devemos estar conscientes da nossa fragilidade, mas ao mesmo tempo

cheio de Força dada pela Liberdade de quem tem Deus como Senhor.

E, afinal, o que deverá ser a vida senão uma tentativa constante de aproximação da Paz e Simplicidade que deveriam reinar entre os homens? Essa aproximação terá que ser feita através de lutas, mas procuremos que seja firme, baseando-a na realidade de cada um.

O Mundo é um campo de problemas, de divisões. Procuramos dentro de nós os talentos — dos quais teremos de dar contas — e empregamo-los lucidamente, gerando a parcela de Paz que estiver ao alcance das nossas possibilidades.

Um novo Ano vai começar; ele é ao mesmo tempo uma Fonte de Esperança e de Res-



Gaiato



Por
Padre Acílio

● Acontecimentos dolorosos fazem-me meditar o Evangelho de Jesus Cristo:

«O discípulo não é mais que o Mestre. Se ad dono da Casa chamaram Belzebu, o que não chamarão eles aos familiares. Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma.

Não penseis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer a paz, mas a espada. Quem ama o pai ou a mãe mais do que a Mim, não é digno de Mim. Quem não tomar a sua cruz para Me seguir, não é digno de Mim.

Herodes, com efeito, depois de prender João, algemara-o e metera-o na prisão, por causa de Herodíade, mulher de Filipe, seu irmão, pois João dizia-lhe: «Não a podes ter contigo».

Os discípulos aproximaram-se d'Ele e disseram-Lhe: «Sabes que os fariseus ficaram indignados de Te ouvirem falar assim?» Ele respondeu: «Toda

a planta que não tenha sido plantada por Meu Pai Celeste será arrancada».

Por causa disto vos envio profetas, sábios e escribas. Matareis e crucificareis alguns deles; açoitareis outros nas vossas sinagogas e perseguireis-os-eis de cidade em cidade...».

● A mãe do Alvarinho vai ter mais um filho. Ela é filha de pais incógnitos. Tem trinta e sete anos e aparenta setenta. Anda muito doente e está gasta. É atrasada mental, cega de um olho e torta. Já teve cinco filhos, um de cada pai. Este vai ser o sexto. É de pai incógnito. Eu fico abismado como não acordamos. O mundo dorme. Adorreceu. Não reage. Gosta de ouvir canções de embalar. As que o acordam são amordaçadas. Ele há tantas mulheres assim. Vemos tantos filhos delas. Que se tem feito? Que se vê fazer? Tu vês? — Eu não vejo nada.

● Este ano o Club Radiofónico de Portugal repartiu conosco a sua campanha de Natal. Trouxeram-nos uma fritadeira eléctrica, louça nova para todos, peúgas de lã, lençóis, roupas, mercearia e material desportivo.

Louvamos quantos desinteressadamente gastam o seu tempo, o seu talento e os seus bens pelos Pobres. Há quatro anos que o Clube repete a sua campanha, sempre crescente, a favor de Obras do distrito de Setúbal. Trabalha lá um homem de Setúbal. Parece-me profundamente humano.

Aqui, Lisboa!

Solicito Leitor envia-nos o seguinte recorte dos jornais: «Londres — Os cães e os gatos vadios de Plymouth vão ter magnífica ceia de Natal, composta por 25 perús e cem quilos de guisado de coelho, por intermédio da Sociedade dos Amigos dos Animais». E acrescenta: «É da gente ficar pasmado!» Nós, que, por sinal gostamos dos animais e os tratamos segundo a respectiva condição, não pertencemos nem queremos pertencer, diga-se de passagem, a nenhuma Sociedade do tipo ou doutro qualquer. Não sabemos, porém, se em certos aspectos

responsabilidade. Vivamos a Esperança do homem que constantemente se renova — se liberta daquilo que não o dinamiza — e responsabilizemo-nos colaborando na construção da concórdia entre os homens.

Que nos propomos fazer durante o Ano que agora começa? Esta pergunta deverá ser respondida por cada um de nós. O que corrigir?, o que modificar na nossa forma de estar no Mundo?... para ser mais luminoso o sentido da nossa vida.

Que Deus inspire e fortaleça a boa vontade dos Homens, para que haja menos dores nesta Terra onde vivemos; e que as bênçãos de Deus e a nossa resposta nos proporcionem um «Bom Ano Novo».

Abel

não valeria a pena a muita gente transformar-se em felino ou canídeo para ter tratamento de Homem. E sendo o Homem também um animal, talvez fosse de precisar de que bichos são certas pessoas amigas.

Sem ser necessário sair, porém, deste torrão à beira-mar plantado, também garantimos que há entre nós situações equivalentes às acima enunciadas. Por exemplo, há pouco foi noticiada a construção de um hospital para cães, cujo custo orça por 5 mil contos! Ora digamos lá se, em certas circunstâncias, não seria bom ter a capacidade de mudar de espécie?! Sim, porque há Homens que vivem e morrem em circunstâncias que são prioritariamente oferecidas aos simples animais irracionais.

Pobres e sem influência no Mundo, de que aliás prescindimos de bom grado, gostaríamos todavia de ser, como o Padre Arrupe marcou aos seus companheiros, «voz dos sem Voz». Não podemos, pois, ficar indiferentes às injustiças, tantas vezes paradoxais, que se cometem ou às discriminações que se realizam neste Mundo atribulado, quase sem se dar conta. E entre um cão ou um gato nós teimamos em escolher o Homem como o alvo das nossas preocupações e lutas, pois nos sentimos membros da Sociedade Humana, na qual deveríamos ser e sentir, só por isso, Amigos. Esta Sociedade nos basta.

Padre Luiz

Arte Infantil por Xavier

A criança é um ser complexo que devemos tentar conhecer e orientar para uma melhor vida futura.

A criança é uma personalidade a desenvolver-se. Não é uma pessoa grande em ponto pequeno.

Cada vez sinto mais a necessidade de contactar com a criança através da arte plástica infantil. Esta é essencialmente uma linguagem que, bem orientada, a ajudará no seu natural desenvolvimento. Permitir-lhe-á encontrar equilíbrio por meio de experiências sensoriais e intelectuais. Pintando, modelando, fazendo teatro de fantoches e outras coisas, ela exterioriza uma força natural interior; criar é, portanto, para ela, um acto normalíssimo.

A educação plástica revela uma arte infantil diferente da do adulto. A criança cria uma expressão viva porque é dotada de faculdades que, no adulto, vão estar mutiladas. Ela representa livremente o mundo em que vive. Mas, crescendo, tende para um naturalismo cada vez de maior evidência, perdendo nesta evolução muitas das suas qualidades de artista espontâneo; mas se ela viver num ambiente próprio poderá ficar um criador cheio de recursos.

Em nossas Casas nunca se verificaram estas manifestações por parte da criança. Porquê?

É preciso dar oportunidade à criança para ela traduzir através da sua linguagem plástica as suas sensações e pensamentos.

Por exemplo, não sei se já alguma vez observaram uma criança a pintar. Ela faz diálogo entre o EU e aquilo que constrói. Posto isto, não se deve ensinar-lhe uma maneira de representar a natureza, mas sim encorajá-la a exteriorizar o que muitas vezes se esconde nela.

Toda a criança necessita de comunicar. Comunicar implica a relação afectiva para com os outros.

A arte infantil é uma autêntica actividade criadora porque, independentemente da multiplicidade de gostos, tendências e evoluções, que caracterizam cada época em que se vive, é a tradução espontânea e original dum mundo pessoal, projectada livremente, sem constrangimentos ou limitações.

POBRES

Um Doente pediu atestado à sua Junta de Freguesia. E foi a um hospital, duas, três vezes... para ser diagnosticado. «Como sou Pobre...!»
O leve sorriso do homem, ofegante, mesmo lá do fundo da alma, era uma contestação. Delicada. Razoável. Justa. «Como sou Pobre...!»
Não sossegámos. Pegámos no telefone e implorámos rápida assistência. A «cunha» como instituição nacional! Do outro lado do fio, compreensão, delicadeza — eficácia. Um Médico.
A burocracia, porém, intervém depois, como mandam os regulamentos:
— O senhor está inscrito na Caixa ou na Casa do Povo?
— Não. Sou Pobre. Já entreguei o atestado...
— Então, vai pagar X escudos.
— Eu não posso...!
No «guichet», descreveu o seu calvário e os auxílios que recebe para não morrer de fome, mais os seus.
— Está bem. Paga menos...
Veio ter connosco. E desabafou calmamente, diria cristãmente. Demos-lhe a respectiva importância. Tornou. E foi aviado.
Sofremos as andanças daquele homem, as exigências oficiais — tudo; amenizadas pela atitude do Médico.
Em conclusão: A Saúde é valor demasiado caro para ser vítima de discriminações. Quando virá o dia em que todos os cidadãos — de qualquer condição social — possamos ser tratados como filhos de Deus, como a maior riqueza do País; sem inquirições, sem exigências de valores em carteira ou capitalizados, sem humilhações?!

Júlio Mendes

Presença

Neste repelão de ideias e sentimentos, nesta vida cheia de altos e baixos, as pessoas se acham confusas. Nesta avidez do dia a dia, os homens custam a encontrar-se. Não há recolhimento. Confunde-se o essencial com o accidental. O belo, as coisas maravilhosas que a vida tem, raras vezes é apercebido. Os gen-

tios não têm tempo. Não há tempo! Haverá tempo então para quê?! Os «mistérios» descerraram a espessa neblina dos tempos que os envolvia e estão mais próximos dos homens. O transcendente, sob esta tacaña mentalidade, deu lugar a um materialismo puro e céptico. Estamos a cair num ateísmo brutal, bárbaro e doentio. E a justificação é sempre «o pouco tempo que há para pensar». Andamos cépticos, sem saber bem em que acreditar. A vida tende a tornar-se vazia e a preocupação de experimentar

tudo em pouco tempo causa náuseas. É a náusea ou a indiferença fanática que traduz a grande percentagem dos homens do nosso tempo.

O Natal, esta doce recordação do que aconteceu em Belém há quase 2 mil anos, torna-se mais necessária nestes conturbados tempos do que nunca. Todos entram em festa e a maioria ainda se recolhe um pouco e se aproxima mais do calor familiar. Natal é tempo de reconciliação e fraternidade entre os homens. É tempo de nascer para uma vida nova. É uma presença a dar valor, a dar existência às «coisas do Alto» no meio deste turbilhão de matéria em que os homens estão atolados. É a presença de Cristo-Menino que passa, convidando os homens ao Caminho da Verdade, Justiça e Entendimento. Viver Natal é mais que pôr sapatinho na chaminé e vestir de «Pai Natal», ao modelo dos nórdicos. É ainda mais que alindar uma montra ou tornar magnificante e cheio de colorido um lar. É mais ainda do que construir um presépio, segundo a imaginação de S. Francisco de Assis, ou enfeitá-lo e iluminar uma árvore de Natal sob as meteóricas concepções da Revolucionária França de Robespierre. Natal assim dá calor, beleza e alegria, porque torna uma quadra diferente de quantas há no calendário. Mas isto não é viver Natal cristão. É viver Natal material e ateu, se nos limitarmos a isto só. Viver Natal Cristão é vivê-lo no coração, é sentir a presença do Deus-Menino no desejo intenso que cada um tem de ser melhor e mais amigo dos seus irmãos.

Rogério



Areias do Cavaco

Cont. da PRIMEIRA página

mo um campo preparado a receber a semente. Depois, a resposta de cada um, no íntimo de cada um. São minutos diferentes dos outros.

Estes rapazes podem falhar na vida. Podem perder-se por atalhos, encandeados por luzes falsas. Mas não é por ignorância. Por isso, serão responsáveis. É isto que importa: que sejam responsáveis. Que sejam capazes de decisões.

Há dias, reflectámos assim: Se cada um de nós, ao deixar o tecto que nos abrigou para construirmos outro, levar a convicção de que os homens são uma grande família; e precisam uns dos outros; e não podem viver como ilhas isoladas; que têm obrigação de repartir — terá nas mãos a chave de um mundo melhor. Guerra ao egoísmo!

Rapazes a quem a sociedade, por vezes, não respeitou, não amou — a levantar a voz e a apontar-lhe o caminho.

● É hora de silêncio para o sono, depois de mais um dia de trabalho. Na cozinha e no refeitório dão-se os últimos retoques na arrumação da loiça do jantar. Na sala de estudo, um grupo prepara as lições para o dia seguinte. Os outros estarão em suas casas.

Vou passando por todos os lugares. Entrei na casa cor de rosa onde 30 pequenos — os mais pequenos — estavam reunidos à volta da mesa da sala comum. Um deles presidia — o João Paulo que fez dez anos no dia de Natal. Faziam em comum a oração da noite. Ajoelhei-me com eles. Estavam no fim. A última prece foi por todos os que nos fazem bem. Depois... foram dormir.

● O João «madeirense» fugiu, deixando atrás de si o Ciclo Preparatório. Não descansámos enquanto não descobrimos seu paradeiro.

Quase sempre estes garotos são mais vítimas do que réus, mesmo quando procedem desta maneira. São portadores de cargas hereditárias, fruto do ambiente em que viveram até chegarem a nossa Casa, do ar envenenado que respiram na rua por onde passam, do contacto com companheiros pouco seguros fora de nossas portas. Porque muito lhe queremos fomos à sua procura. Encontrámos boa vontade e ajuda neste esforço. E foi coroado de êxito para ele e para nós. Passados poucos dias regressou à Casa que é sua e que põe ao seu dispor todos os meios que o ajudam a ser Alguém. Que seja capaz de não lançar fora o que de melhor lhe é oferecido.

E o quadro que começou por ser triste se transformou em quadro lindo, quando, à noite, nos encontramos todos juntos e o João «madeirense» no meio de nós.

● **Jornal «O Gaiato»** — Ontem à noite, houve grande azáfama por causa dos jornais para a venda de domingo. Dobrá-los (desta vez vieram por dobrar). Contá-los, distribuí-los, foi tarefa realizada com prazer. Recordei o tempo em que não havia máquina para este trabalho em Paço de Sousa e um grupo numeroso de pequenos, cantarolando, assobian-do, em algazarra saudável, dava conta desse recado. Assim aconteceu ontem à noite em nossa Casa de Benguela com os 18 vendedores.

Mais de 2.000 jornais chegam às mãos dos leitores de Benguela, Lobito, Catumbela e Bafa Farta pelas mãos deles. Algumas centenas vão pelo correio.

Como estamos perto do Natal (escrevo estas notas quando faltam 10 dias) o entusiasmo redobra. Eles sabem quanto bem levam em suas mãos para os leitores, através do jornal. No regresso, não tiram os olhos das moedas e das

notas que trazem consigo, como sinal do bom acolhimento que têm.

Há dias, um deles fez esta pergunta: «E os assinantes também pagam?» Disse-lhes a verdade; não podia mentir: uma grande parte dos assinantes esquecem-se e não dizem nada; outros revelam grande delicadeza e generosidade, enviando pelo correio o que querem dar pelo jornal que recebem.

De seguida um deles vem com esta resolução: e se mandássemos um postal a lembrar aos nossos assinantes este dever? Concordei. Por mim não era capaz. Já me sentia feliz se ao menos lessem o jornal que recebem.

Ficou pois decidido que se enviasse um postal aos nossos assinantes. Muitos ou todos já o terão recebido a estas horas. Foram os rapazes que tomaram a iniciativa. Porque a achei justa, dei o meu consentimento. É um postal redigido com delicadeza pelo muito respeito que nos merecem os leitores. Uns já se terão desobrigado e não tomámos nota no ficheiro; outros acordarão para este dever. A todos pedimos desculpa e bom acolhimento.

Padre Manuel António

Cont. da PRIMEIRA página

suas potências já conhecidas e aproveitadas, ou em vias de utilização, ou ainda por detectar — constitui o primeiro mandamento de que nos fala a Revelação. E é apaixonante esta pesquisa, esta luta esforçada por encontrar o alimento para os homens dos séculos futuros, por debelar doenças que os afligem, por diminuir taxas de mortalidade, por acrescentar a duração da vida, por facultar a todos os homens a cultura em todos os domínios da Ciência e das Artes. São admiráveis os homens que se gastam nesta procura de mais felicidade para o homem. Mas aí de quando o vírus do orgulho se introduz e se pensa poder prescindir de Deus ou realizar o Céu na Terra! Ou de quando o egoísmo impera e este avançar se consoma em proveito de alguns homens pelo atropelo de multidões! Este é o escândalo e a blasfêmia da nossa civilização industrial: Que chegados aonde chegámos, 2/3 dos homens sejam o terceiro mundo e só o outro terço seja dos homens bem-nutridos, bem-instalados, materialmente satisfeitos. E ainda assim, neste terço que diferenças clamorosas! Por isso é que só materialmente é possível uma, afinal, ilusória satisfação...! Que o homem, de sua essência espiritual, continue a experimentar

Trinta e quatro anos depois

o vazio dos abismos que cava ou deixa cavar entre os seus semelhantes, vazio que se levanta ameaçador e acabará por submergir-los: a uns indefesos por debilidade, a outros por indigestão.

Contra este risco de auto-destruição já veio Cristo para que se cumprisse a promessa dos Profetas: «Toda a planície será elevada e todas as montanhas e colinas serão arrasadas; os caminhos tortuosos serão endireitados e os ásperos aplanados; e toda a carne verá a salvação de Deus». Mas também a Sua voz tem clamado no deserto ao longo destes dois mil anos. Os homens não querem ouvir, ou sabotam os Seus planos.

A actualidade, a urgência deste clamor de salvação, mostram que o espírito da Obra da Rua também não passou de moda (nem passará — é do Evangelho...) trinta e quatro anos depois, mesmo num contexto sócio-económico algo diverso: «É que o século de agora anda esquecido. Os Pobres continuam encargo indesejável». E «a Obra da Rua é uma correspondência à fome e sede de Justiça de tantos de quem os seus obreiros comungam a dor». «Deus quer que pela nossa oração e acção se indique ao mundo o caminho da Verdade.»

Ora não se indica o caminho sem caminhar na Verdade. Por isso «pobres, pobres por devoção. O espírito de pobreza é a sua pedra de toque. Eles (os obreiros) não podem perguntar o que hão-de comer e vestir, sem deixarem, contudo, de trabalhar e poupar, para terem sempre à mão o necessário, tanto para si, como para as multidões que os procuram. (...) Compete-lhes viver uma pobreza heróica e dolorosa, amada por amor da pobreza de N. S. Jesus Cristo, de cuja fidelidade depende a suficiência perene das coisas necessárias à vida. Duvidar é recuar».

Estas normas que Pai Américo traçou são tempero de salvação para o mundo actual. Elas não condenam in ímmane a nossa civilização, que tem autênticos valores. Mas «corrige defeitos», acelera a indispensável «tomada de consciência», promove o exercício da comunhão fraterna entre os homens, situa-os na Humildade que é a sua posição verdadeira.

E então, «quando se contentar com menos o que tem demais, o milagre dá-se: aí temos um mundo onde todos cabem. Não é este, precisamente, o mundo que todos nós desejamos?»

CANTINHO DA FAMÍLIA

Cont. da PRIMEIRA página

que se ocupavam pela aventura crucificante da nova pesca que os iria consumir.

Se Jesus os apaixonou ao primeiro encontro, também o Seu olhar os contagiou do mesmo amor que O trouxe à Terra — o insondável «enlevo de viver entre os filhos dos homens» o Filho do Homem. Amor de razão fora do nosso alcance neste mundo. Por isso mesmo irresistível! «E eles, deixando logo as redes, seguiram-no.»

Não será em todos os tempos carácter distintivo do apóstolo esta irreflexão, esta disponibilidade total, definitiva, que é sempre «escândalo para judeus e estultícia para gregos»?!

Aos de atitude oposta escreveu o Papa S. Gregório uma admoestação tão oportuna hoje como no seu tempo. «E nós, de quantas maravilhas Suas somos testemunhas? Por quantos flagelos aflitos? Por quantas ameaças aterrados? E, todavia, desdenhamos seguir a Quem nos chama. Está já no Céu O que nos exorta à conversão. Deixou-nos o suave jugo da Fé. Pôs no

seu lugar a glória do mundo. No meio de tantas ruínas que o perturbam, vai denunciando a aproximação do dia do Seu severo juízo. E mesmo assim, a nossa soberba não quer abandonar espontaneamente o que forçada perde todos os dias.

Que havemos nós de dizer no Dia de Juízo, irmãos caríssimos, nós que, por amor do tempo presente, nem aos Seus preceitos nos dobramos nem pelos Seus castigos nos corrigimos?»

O homem de hoje reflete tanto, quase sempre no sentido de uma crescente condescendência para consigo próprio! Refletir é sublimar... e arriscado, se a lógica condutora não for instruída segundo a pedagogia do Verbo Incarnado:

«Ele, que sendo de natureza divina, (...) Se abaixou à condição de servo nascido à semelhança de homem (...) e Se humilhou a Si-mesmo, obediente até à morte e morte de cruz...»

Refletir, sim, é muito bom, «tendo entre nós estes mesmos sentimentos de Cristo Jesus.» Que o Natal no-los traga abundantemente.

sempre em risco de se desenraizar.

Mas talvez Simão e André e os outros companheiros, sem terem todavia consciência clara da dignidade da pesca a que Jesus os chamava, tenham tido uma intuição... Havia neles, certamente, uma forte disposição para amar os homens — uma disposição bravia que Jesus havia de enxertar, qual cepa estéril, tornando-os capazes de tudo deixar: o que eram, o pouco que tinham, o próprio desejo de possuir.

Perder tudo para ganhar os homens — pois não é a pedagogia de salvação insinuada pelo Verbo de Deus ao assumir a natureza humana, submetendo-Se em tudo às suas limitações e contingências, menos ao pecado?!

Certamente eles não tiveram a consciência clara, mas uma intuição suficiente e uma vontade dócil perante o fascínio do Cristo de Deus brilhando no rosto de Jesus, para «julgarem lucro o que os homens costumam reputar de perda» e trocarem todas as certezas da pesca em

seu lugar a glória do mundo. No meio de tantas ruínas que o perturbam, vai denunciando a aproximação do dia do Seu severo juízo. E mesmo assim, a nossa soberba não quer abandonar espontaneamente o que forçada perde todos os dias.

Que havemos nós de dizer no Dia de Juízo, irmãos caríssimos, nós que, por amor do tempo presente, nem aos Seus preceitos nos dobramos nem pelos Seus castigos nos corrigimos?»

O homem de hoje reflete tanto, quase sempre no sentido de uma crescente condescendência para consigo próprio! Refletir é sublimar... e arriscado, se a lógica condutora não for instruída segundo a pedagogia do Verbo Incarnado:

«Ele, que sendo de natureza divina, (...) Se abaixou à condição de servo nascido à semelhança de homem (...) e Se humilhou a Si-mesmo, obediente até à morte e morte de cruz...»

Refletir, sim, é muito bom, «tendo entre nós estes mesmos sentimentos de Cristo Jesus.» Que o Natal no-los traga abundantemente.

